



UMA ENTREVISTA COM JOBIN

Quando surgiu? Quais os seus representantes principais? Por que a necessidade de renovação da música popular brasileira? — Perguntas que, de modo breve, se fizeram e ainda são feitas depois que o movimento BN cresceu tanto — e sem pedir a permissão do público acomodado para se desenvolver. Como sempre há muitas respostas e quase todas parciais. Uns, ouvem as interpretações de Mário Reis como sendo ponto de partida; outros insistem na bossa — que, por ser eterna, é sempre nova — de um Caymmi (nos sambas de gingado mais do que nas canções praleiras); de um No Rosa como precursor máximo. Como se vê, é uma questão difícil — aparentemente; desde que Antônio Carlos Jobim falou: "A bossa não tem dono. Todos nós somos parte de um movimento que vem de longe. Ela vinha se definindo, se esboçando muito antes de ser batizada. Havia aquelas músicas não comerciais, aquele negócio, aquela coisa. Veja o caso de Johny Ali (João Alfredo), por exemplo. É um pianista e um compositor genial, adiante do tempo, inteligentíssimo. Ele é muito armado e sofisticado no bom sentido"... (Entrevista a Pedro Bloch, em Manchete). Seguem-se outros, muitos nomes que citaremos no momento preciso.

Assim, a bossa nova não tendo "dono", o que vamos tentar, hoje, é uma primeira visão das características BN, baseadas em tópicos desta entrevista de Tom Jobim:

a) BN não pode ser negação da música popular, anteriormente realizada no Brasil. Muito pelo contrário: temos raízes, antes de sofrermos influências mais recentes, do jazz e da música dissonante. Falaremos não das primitivas, mas das nossas raízes modernamente próximas. Mais uma vez o depoimento de Tom: "Fui pra Arquitetura, mas deixei, no primeiro ano, por causa da música, que, aos poucos, foi tomando conta da minha vida. Desde então eu via meus tios tocando violão, serenatas. Vivi a época dos choro. Desde pequeno eu gostava de música de Noel, de Ari, de Lamartine, de Pixinguinha". Assim como em Noel, a vocação musical foi mais forte: e lutou muito para vencer;

b) BN mostra, ao lado de nossas raízes próximas, a não incompatibilidade entre música popular e música erudita, clássica, conscientemente estudada. Outra vez o exemplo de Jobim, que estudou com Kollreuter, Tomás Terán, Lúcia Branco. Acrescentando: "Andei com Bochino, Leo Peralchi. Foi este quem me levou à casa de Vila Lobos". Correspondendo à transformação do folclore, da cantiga de roda em música erudita, como fez Vila Lobos, Tom Jobim faria a bossanovificação a partir de sua "cultura musical". Bossanovificação: palavra longa, quase sofisticada, mas que diz melhor do que o vocábulo popularização. Sem discutir os termos, podemos com legitimidade falar em "democratização da cultura." como processo, não ainda nem jamais como ponto final;

c) BN reage contra o domínio da comercializa-

ção. Contra os boleros lânguidos, cansados e cansativos. Contra o nosso samba-canção boitrizado. Contra o imperialismo do rock, de chacha-chacha e twist. (Dos tempos de Noel aos nossos, o rádio deixou de ser um valioso meio de informação-difusão para se lançar na mais perigosa massificação do público). A BN tinha meios de reagir — tinha raízes, tinha coragem, tinha influências recentíssimas. Mas não foi fácil. Até que o movimento disparou.

d) BN, diante das letras são pretenciosas e vazias dos boleros, exigia simplicidade, sinceridade nas outras palavras jobimianas: "Tenho uma verdadeira ansia de despojamento e uma luta íntima contra o intelectualismo falso e balofo". Podendo ser feita por intelectuais (é muito oportuno o exemplo de Vinícius de Moraes), mas sobretudo por intelectuais boêmios, sem eruditismo, sem a bossa velha de quem fala "ex-cântaro". Intelectuais que podem até sofisticar, contando que seja "no melhor sentido". Sofisticado de quem não teme a originalidade e não precisa fazer força para atingi-la. Sofisticado para poder dizer as coisas mais simples e, de repente, filosofar. Sofisticado de cantar baixinho, bem desafinado, desafinando bem rousalmente.

e) BN, queiram ou não, denuncia o problema das culturas em vias de desenvolvimento em termos de outras super-desenvolvidas. Como conseguir uma projeção internacional? Como alcançar uma afirmação externa sem correr o risco da deturpação? E, por se tratar do BN, quem melhor pode ser ouvido é ainda Tom Jobim: "O negócio da bossa nova no estrangeiro, foi mais ou menos assim: a coisa começou bem porque nossos discos, os verdadeiros, os brasileiros, começaram a chegar por lá. Depois o negócio virou comércio. Nos Estados Unidos havia sanato, prato de comida, penteado, tudo bossa nova. O comércio tinha sempre uma seleção de discos bossa nova. Uma loucura! Ocorre, porém, que naquela febre a coisa era gravada por mexicano, cubano e até brasileiro desatualizado da nossa realidade, que muda todo dia. As letras lindas, poéticas, eram transformadas, deturpadas, adultereadas. O nosso "Chega de saudade" na burrice de Tendricks e Cavanaugh passou a ser lito: No more blues / I'm going back home / No more blues / Home is where the heart is... e assim por diante". — Para se ultrapassar essa velha onda de exploração comercial, foi necessário, além da habilidade de nossas gravadoras, a disposição de nossos cantores e compositores a emigrar temporariamente do Brasil.

f) BN, em seu desenvolvimento, reconstrói os passos da modernidade lírica brasileira, a partir de Semana de Arte Moderna de São Paulo, 1922. Começamos ouvindo o lirismo de "sen-si-bi-li-dade", espontânea e intimista, levemente irônica, que busca a poeticidade do cotidiano por meio de uma linguagem do queixar e desabafo. Assim, correspondendo à fase inicial de Carlos Drummond de An-

drade ("Alguma Poesia") e ao Manuel Bandeira (de "Libertinagem") estão muitas das composições de Carlos Lyra e a maior parte das de Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes. Estão, sobretudo, as vozes de João Gilberto e de Silvinha Teles.

Mais do que lirismo da sensibilidade — e talvez como um aprofundamento deste — existe o lirismo da reflexão emotiva, das comorações revividas pelo pensamento, da interpenetração da realidade como síntese entre o pessoal e o social. Correspondendo à fase drummondiana, cujo livro mais representativo é "A Rosa do Povo", encontramos as mais completas criações de Sérgio Ricardo, principalmente no LP "Um Snr. Talento".

E, paralelamente, mas às vezes em oposição a esse lirismo que reúne o emocional ao reflexivo, vamos achar o lirismo do "azul demais" como fruto das maiores facilidades da geração 45. O "azul demais", a redução do mundo em mar-mor-a-flor-amor, tais como nos poemas de Paulo Mendes ou de Geir Campos, só pode encontrar equivalente nas composições de Menescal e Böscoll.

Por fim, há o lirismo de vanguarda participante, cujo melhor representante na poesia brasileira é o "Jeremias — sem chorar", de Cassiano Ricardo. Lirismo que se confronta com a racionalidade crítica diante dos problemas humanos. Em relação à BN, essas manifestações líricas partem do folclore, dos sentimentos e expressões populares, revelando não uma atitude de "regionalismo tradicionalista", mas assumindo a própria dimensão social. Essa vanguarda participante, na multiplicidade de suas orientações, está contida nas músicas de Zé Keti, João de Vale e Edu Lôbo. Nas vozes de Nara Leão e Maria Betânia.

Se estas são as características em visão panorâmica, é preciso tomar posição diante do movimento: não para centralizar tudo em volta de um ou vários nomes; não por mera curiosidade em descobrir mais uma data ou fato; tomamos posição como uma das formas de compreender e interpretar a BN em sua gênese — consequências. A exigência consciente de renovação da música popular brasileira foi desencadeada por dois nomes que aparecem como marcos até hoje: o baiano João Gilberto e o carioca Tom Jobim. Encontro da sensibilidade nordestina (tristeza e gingado, um certo apêgo à tradição) com a sensibilidade carioca (humor, telecote, uma evidente modernidade). De um lado, mais o Brasil, nossas raízes próximas; do outro, mais as influências estrangeiras — o jazz. É preciso dizer claramente: só um balanço seria capaz de descobrir a BN escondida em Aos Pés da Cruz (... aos pés da santa cruz, você se ajoelhou...) e Rosa Morena. É este baiano, além do mais, entendia de harmonias novas e sabia desafinar: o que era bem moderno. E, acima de tudo, cantava líricamente a saudade, o amor em paz, a tristeza, o desejo de felicidade; de amar e sonhar; de amar e pedir perdão; de amar sem pieguismo e com profunda simplicidade. Simplicidade para comunicar as coisas como elas existem e se desfaçam: amor se buscando, amor se encontrando, amor se dissipando.